



**A questão da hermenêutica em  
Rudolf Bultman**  
Euler R. Westphal

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 2000

## A QUESTÃO DA HERMENÊUTICA EM RUDOLF BULTMANN

Euler R. Westphal \*

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intenção entender a hermenêutica do programa existencialista de desmitologização do conhecido teólogo alemão Rudolf Bultmann (1884-1976).

Atentaremos primeiramente para os instrumentos hermenêuticos, para então ocuparmo-nos com a execução do seu método.

No empreendimento de compreender Bultmann, optamos pelo artigo "*O Problema da Hermenêutica*"<sup>1</sup> publicado em 1950. Parece-nos que neste ensaio se encontram alguns aspectos fundamentais da epistemologia do seu projeto teológico. Aqui os instrumentos da sua teologia são apresentados de forma bem articulada, inclusive foi publicado um ano antes do teólogo de Marburgo retirar-se do ensino. Procuramos entender este ensaio discutindo-o com o artigo "*Será Possível A Exegese Livre de Premissas?*"<sup>2</sup> Encontramos nesse considerações mais detalhadas do que significa a pré-compreensão no entendimento de Bultmann.

Em nossa opinião, tomar a epistemologia como ponto de partida conduz necessariamente à aplicação do próprio método. Estamos conscientes de que não é possível separar a epistemologia do conteúdo teológico. A teoria da arte do compreender e o conteúdo teológico se condicionam. Portanto, não podem ser separados apesar de ser possível, em certa medida, distingui-los.

De qualquer forma, o artigo "*Novo Testamento e Mitologia*"<sup>3</sup> seria, no nosso modo de entender, a aplicação da epistemologia. Este artigo

---

\* Euler Westphal, doutor em teologia, é professor de Teologia Sistemática e diretor do CETEOL, em São Bento do Sul - SC.

<sup>1</sup> Rudolf Bultmann. *O Problema da Hermenêutica. Crer e Compreender; Artigos Seleccionados*. Ed. Walter Altmann. (Trad. Walter Schlupp). São Leopoldo, Sinodal, 1987, 203-221.

<sup>2</sup> Rudolf Bultmann. *Será Possível a Exegese Livre de Premissas?* *Op. cit.*, 223-229.

<sup>3</sup> *Ibid*, *Novo Testamento e Mitologia. op. cit.*, 13-45.

que originalmente era uma palestra foi publicado em 1941. Esse se tornou um dos marcos na discussão teológica durante muitos anos. Ocupar-se com este ensaio é fundamental para a compreensão do método hermenêutico, pois nele encontramos o programa de desmitologização de Rudolf Bultmann. Aqui não são tratadas questões puramente epistemológicas, mas o conteúdo teológico é colocado sob o crivo da interpretação existencialista. Para Bultmann, “A desmitologização é um método hermenêutico”.<sup>4</sup>

Entre outras fontes primárias e secundárias, optamos pelo ensaio “Porque a Fé Cristã Causa Estranheza”,<sup>5</sup> para apresentar melhor clareza à interpretação existencialista dos conteúdos teológicos. Ambos os escritos partem da dificuldade do homem moderno de crer. Bultmann com seu programa de desmitologização pretende eliminar o falso escândalo e recuperar o verdadeiro escândalo. Além dessas fontes ocupamo-nos, em certa medida, com o livreto “*Jesus Christus und die Mythologie*”,<sup>6</sup> que constitui uma abordagem mais ampla do artigo “Novo Testamento e Mitologia”.

Privilegiamos as fontes de primeira mão para a pesquisa, disponíveis em língua portuguesa e em alemão. A literatura secundária teve a função de complementar ou de subsidiar sínteses e observações, a partir das fontes pesquisadas. No critério de seleção da literatura optamos pelas fontes mais representativas para a avaliação da hermenêutica em Bultmann.

Estamos conscientes das limitações do nosso empreendimento, mesmo porque adentramos numa teologia complexa e polêmica que não pode ser apreendida nos limites de um ensaio acadêmico.

Apesar das críticas e contestações à teologia de Bultmann, devemos aprender para a articulação teológica, que a palavra de Deus deve ser proclamada numa relação dialógica com o ouvinte, levando sua existência, como um todo, a sério.

---

<sup>4</sup> Ibid., *Jesus Christus und die Mythologie*. In: *Glauben und Verstehen; Gesammelte Aufsätze*. 4<sup>o</sup> Vol. 2<sup>a</sup> Ed. Tübingen, J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1967, 163.

<sup>5</sup> Ibid., *Por que a Fé em Cristo Causa Estranheza*. In: op. cit., 241-253.

<sup>6</sup> Ibid., *Jesus Christus und die Mythologie*. In: op. cit., 241-253.

## A EPISTEMOLOGIA

## A DISCUSSÃO FILOSÓFICA

Na concepção de Bultmann, o teólogo não pode dispensar a filosofia pois ele está sujeito às premissas de um determinado quadro conceptual filosófico. O teólogo em questão sabe-se comprometido com a filosofia e procura superar a limitação da hermenêutica tradicional historicista. Há um parentesco filosófico entre Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Bultmann.<sup>7</sup>

Schleiermacher havia percebido que a compreensão não deriva da correta aplicação da hermenêutica tradicional. Para ele, a compreensão genuína pode ser adquirida através da interpretação intuitiva, psicológica ou subjetiva. “A recriação própria da associação viva de idéias”<sup>8</sup> é possível porque o autor e o intérprete tem um dado comum que se encontra na natureza humana universal. Este dado apriorístico possibilita a comunicação entre o autor e o seu intérprete.

Parece-nos que W. Dilthey fornece algum instrumental a Bultmann para romper com a concepção historicista e dá algumas coordenadas à sua proposta hermenêutica existencialista. Para Dilthey, o processo de compreensão acontece “sob grande comoção histórica”.<sup>9</sup> Inclusive ele entende os fenômenos históricos como expressão das “formas de existência humana singular.”<sup>10</sup> Bultmann reconhece os méritos da hermenêutica de Dilthey quando diz: “Ao caracterizar a afinidade entre autor e intérprete como condição prévia de compreensão, Dilthey de fato pôs a descoberto a premissa de toda interpretação intelectual.”<sup>11</sup> Apesar dos méritos na hermenêutica de Schleiermacher e de Dilthey, deve ser apontada a unilateralidade das mesmas. Esta forma de compreensão se aplica a textos filosóficos, poéticos e históricos, enquanto sua aplicação aos textos de matemática, por exemplo, é inadequada.

Para Bultmann, a questão do compreender, de verdade, foi iluminada pelo filósofo Martin Heidegger.<sup>12</sup> Para o teólogo de Marburgo,

<sup>7</sup> Heinz Zahrnt. *Offenbarung und Geschichte*. In: *Die Sache mit Gott*, 268.

<sup>8</sup> Rudolf Bultmann. *O Problema da Hermenêutica*. op. cit., 205.

<sup>9</sup> *Ibid.*, 203.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 203.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 207.

<sup>12</sup> *Ibid.*, 214.

na existência humana existe um dado inerente que é o saber existencial em torno de Deus que se expressa no interesse pela felicidade, salvação, o sentido do mundo, ou pela pergunta que diz respeito à essência própria (Eigentlichkeit) de cada existência individual (eigenes Sein).

A compreensão prévia de Deus seria um dado natural, apriorístico, no ser humano. Isto estaria evidente na busca por Deus em Agostinho: “Tu nos fizeste para ti, e nossos corações estão inquietos, até encontrarem descanso em ti”.<sup>13</sup> O ponto de partida para o conhecimento de Deus seria antropocêntrico. A partir disso a teologia deve se preocupar com a interpretação adequada da existência humana. O intérprete da Bíblia precisa de um quadro conceptual adequado como instrumental de interpretação da existência.

A filosofia é competente para elaborar este quadro conceptual. Esta não é a tarefa da teologia. A filosofia, sim, tem a tarefa de refletir e interpretar a existência humana dirigindo-se à auto-compreensão existencial (existentiell). Bultmann, optou pela filosofia de Heidegger. Para ele o existencialismo teria a interpretação mais adequada da existência humana.<sup>14</sup>

Na conceituação de Bultmann há uma diferença fundamental entre os termos existencialista (existential) e existencial (existentiell). “Existential” refere-se ao modo de interpretação existencialista, no sentido da análise da existência. Enquanto o existencial está relacionado com aquilo que me diz respeito existencialmente (existentiell).<sup>15</sup>

## O SUJEITO E O OBJETO DA INTERPRETAÇÃO

Bultmann, a exemplo do seu colega e mestre Heidegger, rompeu com o modelo historicista de investigação histórica que se limitava a colocar o ser humano como sujeito e o mundo como objeto da compreensão. Para ele as fontes não somente proporcionam informações a respeito de fatos ocorridos, mas também proporcionam a compreensão das possibilidades da existência humana.<sup>16</sup> Contudo, ele não despreza a hermenêutica tradicional.

<sup>13</sup> Ibid., 218.

<sup>14</sup> Ibid., Jesus Christus und die Mythologie. op.cit., 169s.

<sup>15</sup> Ibid., O Problema da Hermenêutica. op.cit., 204.

<sup>16</sup> Ibid., 221 e Heinz Zahrnt. op.cit., 246ss.

O caminho da interpretação e da compreensão anda em dois sentidos. Uma vez, o assunto tratado no texto deve orientar a interpretação, a exemplo de textos de matemática ou de teoria musical. Uma crônica histórica deve ser lida com o interesse de se compreender e de se adquirir conhecimentos históricos. Não se pode entender história da filosofia sem ter um mínimo de conhecimento de filosofia.

Para Bultmann, “a orientação da interpretação deixa de ser problemática quando ela estiver dirigida pela pergunta por aquele objeto que o próprio texto pretende comunicar.”<sup>17</sup> O intérprete precisa ter uma compreensão prévia do assunto transmitido no texto e uma relação vital com o assunto contido no texto. Esse processo de compreensão ocorre na tradução de uma língua estrangeira, por exemplo.

Bultmann dá a primazia à interpretação existencial do texto, sem contudo abandonar a compreensão empírica. A compreensão participativa acontece quando o leitor de um romance é arrebatado experimentando uma “grande comoção histórica”, para falar com Dilthey.<sup>18</sup>

A compreensão participativa, segundo Bultmann, seria a modalidade de compreensão mais adequada para as obras literárias autênticas. Esta forma de compreensão acessaria à compreensão das possibilidades humanas. Deve haver então uma identificação do intérprete com o autor, pois “Platão somente compreende quem filosofa com ele.”<sup>19</sup>

A modalidade de compreensão participativa também exige a inserção participativa, a relação vivencial, do intérprete na existência humana. De qualquer forma, o intérprete não pode anular a sua subjetividade para alcançar o saber objetivo. Assim, somente tem acesso à compreensão de um texto político ou sociológico quem se identifica existencialmente com as questões políticas e sociais.

“A interpretação mais subjetiva é a mais objetiva, ou seja somente aquele que está movido pela pergunta pela própria existência é que consegue ouvir o que o texto está pretendendo.”<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> Ibid., 209 e Rudolf Bultmann. Será Possível a Exegese Livre de Premissas? op. cit., 226.

<sup>18</sup> O Problema da Hermenêutica. op. cit., 203.

<sup>19</sup> Ibid., 211.

<sup>20</sup> Ibid., 217;

Os textos não somente transmitem informações, mas me revelam coisas que me dizem respeito. A compreensão dos textos históricos e bíblicos sempre estaria relacionada com um encontro existencial com os textos e estes impelem para uma decisão existencial.<sup>21</sup>

## A COMPREENSÃO PRÉVIA NA HERMENÊUTICA DE BULTMANN

O conceito de compreensão prévia é abrangente em Bultmann. Este conceito tem outros termos correlatos e sinônimos, pois falar da subjetividade seria o mesmo que falar da individualidade ou de premissas ou ainda de subjetividade. Estes conceitos poderiam ser circunscritos por expressões como: “a vitalidade extrema do sujeito que compreende, o desenvolvimento mais pleno possível de sua individualidade.”<sup>22</sup> De qualquer forma, o conceito de compreensão prévia seria pressuposto necessário para a compreensão genuína.

A compreensão prévia em Bultmann, poderia ser ainda o saber existencial a respeito de Deus. Este seria um dado inerente, apriorístico, ao ser humano que se expressa na pergunta pela salvação ou pelo sentido da vida, por exemplo.

Na pergunta por Deus o ser humano está perguntando por si mesmo, pois se encontra a caminho da autenticidade e esta autenticidade constitui o ponto de contato da revelação de Deus.

“Sem essa compreensão prévia e sem as perguntas orientadas pela mesma, os textos ficam mudos. O que importa não é eliminar a compreensão prévia e sim conscientizar-se da mesma, examiná-la criticamente ao compreender o texto, pô-la em jogo, em suma: ao questionar o texto cumpre deixar-se questionar a si mesmo pelo texto, ouvir a sua pretensão.”<sup>23</sup>

O conceito de observação objetiva, empregado nas ciências naturais, seria inadequado como paradigma de compreensão para os fenômenos históricos.

Para Bultmann é impossível uma teologia (exegese) que seja livre

<sup>21</sup> Heinz Zahrnt. op. cit., 249s.

<sup>22</sup> Rudolf Bultmann. O Problema da Hermenêutica. op. cit., 217.

<sup>23</sup> Ibid., 216.

de premissas. No mesmo instante ele exige que ela esteja livre de preconceitos.<sup>24</sup> Portanto, para ele há uma clara distinção entre premissas e preconceitos.

Premissa imprescindível seria a aplicação do Método Histórico Crítico com todo o seu instrumental de pesquisa, como a gramática, o dicionário, a análise do estilo e da linguagem do texto.

O método crítico pressupõe que a história seja uma unidade integrada de causa e efeito que não pode ser rompida pela ação de Deus. Em função disso, não se pode constatar um milagre na história. A ciência histórica constata, isso sim, a fé em Deus que atua na história e procura traduzir os textos tornando-os compreensíveis.

Para compreender a história deve-se compreender as forças históricas atuantes. Estas são multifacetárias e o historiador dará prioridade a um determinado enfoque, quer sob o ponto de vista histórico ou psicológico, estético, social, político, econômico ou filosófico.

A compreensão dos objetos, dos conteúdos de um texto e a relação vivencial do intérprete com o assunto também são denominados, por Bultmann, de compreensão prévia.<sup>25</sup> A compreensão prévia da pergunta existencial por Deus impele o teólogo para uma decisão existencial que deve se repetir em cada nova situação.

## O CONCEITO DE HISTÓRIA E DE HISTORICIDADE

Para Bultmann os fatos históricos do passado devem ser abordados em atitude existencial. O conjunto de acontecimentos históricos somente é compreendido mediante a participação existencial do sujeito.<sup>26</sup> Assim, Bultmann relaciona a interpretação da história com a interpretação existencialista. Isto não significa que a interpretação histórica fosse arbitrária. Ela poderá ser investigada sob vários enfoques, mas todo enfoque conduzirá a resultados confiáveis, embora a pesquisa nunca é definitiva e concluída.

Para Bultmann, “Historie”, ou “historisch” diz respeito a um fato

---

<sup>24</sup> Ibid., 217 e Rudolf Bultmann. Será Possível a Exegese Livre de Premissas? op. cit., 223s.

<sup>25</sup> Ibid., Será Possível a Exegese Livre de Premissas? op. cit., 226.

<sup>26</sup> Rudolf Bultmann. O Problema da Hermenêutica. op. cit., 216. Battista Mondin. Rudolf Bultmann: Demitização da Revelação e Teologia Existencialista. In: Os Grandes Teólogos do Século Vinte. V.2, 121s.

histórico do passado que pode ser observado pelo historiador neutro. Este descreve o fato numa crônica como seu objeto de investigação histórica.

O termo “geschichtlich”, historicidade, diz respeito a significação histórica de um texto para mim. Portanto, trata-se da historicidade compreendida como evento de alcance histórico.

A interpretação histórica não está preocupada primeiramente com a reconstrução de acontecimentos históricos (Historie), mas busca pela conscientização das possibilidades da existência humana. Assim, ao compreender a história o intérprete estaria compreendendo a sua própria existência. Este pergunta pela significação do texto para si próprio. Há uma relação dialogal do intérprete com a história.<sup>27</sup>

A criação a redenção ou a ressurreição estão inseridas no âmbito do “geschichtlich”, pois somente podem ser compreendidas na dimensão da fé.

A crucificação é “Historie”, pois pode ser objetivada pela crônica histórica. Ao mesmo tempo, a significação histórica da crucificação como salvação para mim está no âmbito do “geschichtlich”, da historicidade.<sup>28</sup>

Bultmann também aplica esta conceituação na interpretação do Antigo Testamento. Ele não busca reconstruir um passado histórico a partir do Antigo Testamento, mas procura encontrar uma compreensão adequada da própria existência.<sup>29</sup> Portanto, para ele o aspecto histórico no Antigo Testamento não é relevante, mas a sua historicidade lhe é importante, pois julga encontrar nela as possibilidades de compreensão existencial.

## A APLICAÇÃO DA HERMENÊUTICA

### A CONSTATAÇÃO DO PROBLEMA

Para Bultmann, a cosmovisão do Novo Testamento é mítica, pois

<sup>27</sup> Heinz Zahrnt. op. cit., 247s.

<sup>28</sup> Battista Mondin. Rudolf Bultmann: Demitização da Revelação e Teologia Existencialista. op. cit., 124.

<sup>29</sup> Rudolf Bultmann. Die Bedeutung des Alten Testaments für den christlichen Glauben. In: op. cit., 318 e Hans-Joachim Kraus. Die Diskontinuität der beiden Testamente. In: Die Biblische Theologie, 318.

o mundo é compreendido como se fosse constituído de três andares. Aceitar essa cosmovisão seria degradar a fé em obra e exigiria um "sacrificium intellectus" forçado, esquizofrênico e insincero.<sup>30</sup> Bultmann insiste na eliminação do universo conceptual do Novo Testamento para que a palavra da Bíblia possa ser compreendida pelo homem moderno. "Não se pode utilizar luz elétrica e aparelho de rádio e em casos de doença empregar modernos meios médicos e clínicos, e simultaneamente acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres do Novo Testamento".<sup>31</sup> A cosmovisão científica do ser humano moderno e a cosmovisão do Novo Testamento são excludentes.

## A TAREFA: DESMITOLOGIZAR O MITO

Bultmann parece radical no diagnóstico como na terapia da questão do mito. Diante da constatação do universo conceptual do mito no Novo Testamento, a teologia não pode fazer uma leitura seletiva e nem efetuar cortes no material mitológico como se tinha feito no passado.

A teologia tem diante de si a tarefa de reler o Novo Testamento, desmitologizando o mito. Este seria o único caminho possível para a proclamação do Novo Testamento.

"A razão para a crítica do mito está no próprio mito".<sup>32</sup> O mito objetiviza o que está na esfera transcendente para o imanente. Fala-se dos deuses como se fossem seres humanos, inclusive eles são incluídos na vida humana. "Do transmundano fala mundanamente, dos deuses humanamente."<sup>33</sup> Então o mito não deve ser interpretado cosmológicamente, mas existencialmente, pois a interpretação existencial se expressa nas concepções objetivantes do mito. Segundo Bultmann, o Novo Testamento também requer a crítica por causa das tensões e das contradições entre as diversas concepções teológicas. De qualquer maneira, a tarefa teológica é de interpretar existencialmente o evento salvífico de Deus em Cristo.

---

<sup>30</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 15. Rudolf Bultmann. Jesus Christus und die Mythologie. op.cit., 145s.

<sup>31</sup> Ibid., 16 e Ibid., 157.

<sup>32</sup> Ibid., 20.

<sup>33</sup> Ibid., 20.

## OS INSTRUMENTOS DA DESMITOLOGIZAÇÃO (DESDOBRAMENTOS)

### *O Ponto de Partida Antropológico*

Bultmann aplica os instrumentos fundamentais do seu método hermenêutico demonstrativamente.

A abordagem do acontecimento de Cristo é precedida pela antropologia, sobre a compreensão do ser. Assim, a antropologia encontra-se formalmente no início do seu método hermenêutico.<sup>34</sup>

Bultmann concordaria que sua hermenêutica é articulada de forma antropológica, pois falar de Deus significa falar de si mesmo.<sup>35</sup>

O primeiro enfoque na aplicação do programa hermenêutico está relacionado com a ontologia cristã, o ser na sua negação e o ser na sua afirmação.

Vemos aqui certa semelhança com o método transcendental de Karl Rahner que também parte da antropologia e aplica a filosofia existencialista na sua hermenêutica.<sup>36</sup>

### *O Pecado: O Ser na Negação da Vida Autêntica*

No Novo Testamento, o mundo da transitoriedade e do pecado não é atribuído ao corpo material, pois este não é a prisão da alma celestial como no gnosticismo.

A morte é consequência da queda (Rm 5.12) e ao mesmo tempo é o salário do pecado (Rm 6.23). A negação do ser está relacionada ao pecado. O ser humano vive no pecado quando deixa-se seduzir pelo visível e pelo disponível. A existência no pecado pode ser vivida na leviandade, como nas obras da lei.

O ser humano vive na preocupação pela segurança. Mas esta é uma falsa segurança, pois quem vive do disponível e do visível está condenado à morte. Este se envereda em pecados éticos e além disso cresce o medo. Na escravidão ao medo ele busca segurança para si e para

<sup>34</sup> Ibid., 29-44.

<sup>35</sup> Heinz Zahrnt. op. cit., 260s. Gerhard Hasel. Teologia do Novo Testamento, 71s.

<sup>36</sup> Karl-Heinz Weger. Karl Rahner: Uma Introdução ao seu Pensamento Teológico, 20-23.

as suas coisas, pois a vida poderia-lhe escapar. Em tudo isto, o ser humano permanece auto-suficiente. Estamos diante da auto-glorificação do desesperado.

Para Bultmann, o pecado, em sua essência, não é uma questão moral, mas é existencialmente e ontologicamente definido.

O pecado é rebelião contra Deus e o ser humano reivindica direitos diante de Deus.<sup>37</sup> O ser humano permanece escravo da vida inautêntica.

### *O Ser Humano na Vida Autêntica*

O crente, ao contrário do descrente, vive do indisponível e do invisível. Ele renuncia a qualquer segurança e confia na graça de Deus que perdoa pecados e assim, o ser humano é liberto do cativo do passado. A fé que se abre ao futuro não significa morte, mas a vida, pois a pessoa não confia mais em si mesma, mas somente em Deus. A fé renuncia das seguranças humanas e encontra a segurança somente em Deus. O ser na fé é confiante e ao mesmo tempo um ser obediente. A vida na Fé é liberdade para a obediência.<sup>38</sup>

Para Bultmann, a vida na fé seria existência nos paradoxos, pois a vida no Espírito é possibilidade de uma nova vida proporcionada pela fé, mas também é decisão do qual o crente não está dispensado. A decisão obediente da fé deve ser tomada em cada nova situação concreta. Bultmann diz que o imperativo encontra-se em unidade com o indicativo<sup>39</sup>. Viver na fé significa existência escatológica, pois a vida futura se tornou presente. O crente já passou da morte para a vida. O mundo disponível e visível não o afeta mais. O crente participa da realidade do mundo, mas ele vive em distância crítica ao mundo. Para ele vale o paradoxo paulino do "como se não" (1 Co 7.29-31) na sua relação com o mundo. Para a existência desmundificada o mundo perde sua força sedutora e dominadora e se lhe torna criação de Deus. Para o crente, na criação são dadas as condições e as possibilidades para a

---

<sup>37</sup> Rudolf Bultmann. Por que a Fé Cristã Causa Estranheza. op.cit., 251; Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 35s; Heinz Zahrnt. op. cit., 253; Rudolf Bultmann. Die Bedeutung des Alten Testaments für den christlichen Glauben. In: Glauben und Verstehen, V.1, Tübingen 1933 (1980<sup>8</sup>), 329.

<sup>38</sup> Rudolf Bultmann. Jesus Christus und die Mythologie. op.cit., 160.

<sup>39</sup> Ibid., Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 29.

realização da existência humana.<sup>40</sup>

## A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A TEOLOGIA

Bultmann pergunta se o acontecimento de Cristo não é um resto mitológico a ser eliminado? A compreensão cristã do ser que se adquire através da fé em Cristo não poderia ser obtida sem o Novo Testamento? Diga-se de passagem que novamente o teólogo em questão privilegia a antropologia colocando a questão da compreensão do ser no início da discussão a respeito do “Acontecimento Salvífico”.<sup>41</sup> Além disso busca compreender teologia a partir da filosofia e não o inverso. Parece até que a filosofia teria superado a teologia. Inclusive a filosofia teria dado clareza última à compreensão do ser que no Novo Testamento estava encoberta pela roupagem mitológica. A teologia seria desnecessária e até incômoda para a filosofia. Bultmann afirma: “Penso que deveríamos assuntar-nos com o fato de que a filosofia já divisa a partir de si o que o Novo Testamento diz.”<sup>42</sup> Para M. Heidegger como para W. Kamlah, a estrutura da entrega ao universo e o soltar-se de si mesmo e daquilo que o ser humano possa se apegar seria idêntica à estrutura da fé do Novo Testamento. No entanto, trata-se de uma compreensão cristã do ser secularizada.

Para Bultmann, a teologia e a filosofia dizem, em parte, a mesma coisa sobre a existência humana. Há de se admitir que ambas entendem que o ser humano somente pode ser aquilo que ele já é. A fé cristã e o amor não são grandezas misteriosas e sobrenaturais, mas são posturas autenticamente humanas.

Na pergunta pela realização da verdadeira existência do ser humano a teologia e a filosofia se diferenciam.

Bultmann também coloca restrições à filosofia. No Novo Testamento o ser humano só pode ser aquilo que já é porque isto lhe é concedido. O indicativo expressa a ação da graça de Deus, enquanto o imperativo chama o crente à existência obediente e coerente com aquilo que ele já é pelo indicativo. Portanto, a volta à existência autêntica, o

---

<sup>40</sup> Ibid., 27. Rudolf Bultmann. Por que a Fé Cristã Causa Estranheza. op. cit., 250s.

<sup>41</sup> Ibid., 29-44.

<sup>42</sup> Ibid., 31. Heinz Zahrnt. op. cit., 255.

existir no paradoxo refere-se somente aos crentes que se tornaram nova criatura e agora vivem na fé e no amor. Mas esta existência autêntica não diz respeito aos seres humanos de forma generalizada.<sup>43</sup>

A filosofia, de modo semelhante ao Novo Testamento, também sabe que o ser humano se perdeu, que ele errou. Ela está convicta de que pode recuperar a verdadeira natureza do ser humano. Para a filosofia o estado da queda não atinge a identidade do ser humano. Ele pensa poder fugir dessa situação mediante a conscientização da sua realidade ou através de imperativos: tu podes, pois tu deves! Assim, o ser humano teria a capacidade de atingir a sua autenticidade. Isto seria uma possibilidade em princípio como uma possibilidade de fato.

Segundo Bultmann, no Novo Testamento a situação humana é desesperadora pois, o ser humano encontra-se totalmente caído. O homem não consegue se libertar, mas deve ser liberto através da ação salvífica de Deus em Cristo que é proclamada ao crente. "A filosofia é o caminho da auto-suficiência e da glória própria, pois trata-se do movimento do ser humano caído em busca da existência autêntica."<sup>44</sup>

O pecado deixa de ser mitológico a partir do momento em que o ser humano é liberto pelo amor de Deus para a obediência da fé e do amor. "Só quem já é amado, pode amar. Só quem foi presenteado com confiança pode confiar. Só quem experimentou entrega, pode se entregar."<sup>45</sup> O falar do pecado é mitológico para quem é auto-suficiente e conseqüentemente cego para a realidade do pecado.

## A QUESTÃO DA DESMITOLOGIZAÇÃO NO ACONTECIMENTO DE CRISTO

Bultmann, também aplica a desmitologização ao acontecimento de Cristo. "Jesus Cristo, como filho de Deus, uma figura mítica na qualidade de ser divino pré-existente, é simultaneamente um determinado ser humano histórico, Jesus de Nazaré. Aqui o histórico e o mítico estão peculiarmente interconectados."<sup>46</sup> Parece que a conexão entre o mito e o histórico fornecem a Bultmann um princípio para a aplicação do programa

<sup>43</sup> Ibid., 33ss.

<sup>44</sup> Ibid., 34s; Battista Mondin. Rudolf Bultmann: Demitização da Revelação e Teologia Existencialista. op. cit., 129 e Heinz Zahrnt. op. cit., 255s.

<sup>45</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 37.

<sup>46</sup> Ibid., 38.

existir no paradoxo refere-se somente aos crentes que se tornaram nova criatura e agora vivem na fé e no amor. Mas esta existência autêntica não diz respeito aos seres humanos de forma generalizada.<sup>43</sup>

A filosofia, de modo semelhante ao Novo Testamento, também sabe que o ser humano se perdeu, que ele errou. Ela está convicta de que pode recuperar a verdadeira natureza do ser humano. Para a filosofia o estado da queda não atinge a identidade do ser humano. Ele pensa poder fugir dessa situação mediante a conscientização da sua realidade ou através de imperativos: tu podes, pois tu deves! Assim, o ser humano teria a capacidade de atingir a sua autenticidade. Isto seria uma possibilidade em princípio como uma possibilidade de fato.

Segundo Bultmann, no Novo Testamento a situação humana é desesperadora pois, o ser humano encontra-se totalmente caído. O homem não consegue se libertar, mas deve ser liberto através da ação salvífica de Deus em Cristo que é proclamada ao crente. "A filosofia é o caminho da auto-suficiência e da glória própria, pois trata-se do movimento do ser humano caído em busca da existência autêntica."<sup>44</sup>

O pecado deixa de ser mitológico a partir do momento em que o ser humano é liberto pelo amor de Deus para a obediência da fé e do amor. "Só quem já é amado, pode amar. Só quem foi presenteado com confiança pode confiar. Só quem experimentou entrega, pode se entregar."<sup>45</sup> O falar do pecado é mitológico para quem é auto-suficiente e conseqüentemente cego para a realidade do pecado.

## A QUESTÃO DA DESMITOLOGIZAÇÃO NO ACONTECIMENTO DE CRISTO

Bultmann, também aplica a desmitologização ao acontecimento de Cristo. "Jesus Cristo, como filho de Deus, uma figura mítica na qualidade de ser divino pré-existente, é simultaneamente um determinado ser humano histórico, Jesus de Nazaré. Aqui o histórico e o mítico estão peculiarmente interconectados."<sup>46</sup> Parece que a conexão entre o mito e o histórico fornecem a Bultmann um princípio para a aplicação do programa

<sup>43</sup> Ibid., 33ss.

<sup>44</sup> Ibid., 34s; Battista Mondin. Rudolf Bultmann: Demitização da Revelação e Teologia Existencialista. op. cit., 129 e Heinz Zahrnt. op. cit., 255s.

<sup>45</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 37.

<sup>46</sup> Ibid., 38.

de desmitologização.

As manifestações mitológicas, como pré-existência e nascimento virginal, intencionam expressar a significação da pessoa de Jesus para a fé. A pesquisa do fato histórico da pessoa de Jesus não contribui para a compreensão do evento escatológico de Jesus Cristo.<sup>47</sup> A morte de Jesus tem significação de alcance histórico na medida em que Deus, através dela, pretende falar para mim.

### *A Cruz*

A cruz de Cristo seria um evento mítico a partir do momento em que se assume as concepções objetivantes, a exemplo da idéia sacrificial e da teoria da satisfação.

O fato histórico da cruz é considerado um evento de dimensão cósmica que vale como evento escatológico sempre presente para a fé. Portanto, crer na cruz não significa observar um acontecimento histórico do passado, mas a cruz é um acontecimento de alcance histórico sempre presente para a existência concreta da fé.

Recorrer à cruz do Jesus histórico seria válido apenas para os primeiros discípulos, “para nós trata-se de um evento do passado e como tal não é mais um evento de nossa própria vida.”<sup>48</sup>

### *A Ressurreição e sua Proclamação*

A cruz e a ressurreição são em conjunto o evento cósmico pelo qual o mundo foi julgado e a partir de então existe a possibilidade de vida verdadeira. Para Bultmann, a ressurreição de Jesus não pode ser um ato miraculoso de autenticação, como é apresentado no Novo Testamento. A ressurreição, o retorno de um defunto à vida, é inverossímil, pois não pode ser constatado como um fato objetivo como garantia segura para a fé. Bultmann insiste que a ressurreição é objeto da fé. A ressurreição se torna um evento escatológico presente para o crente.

Bultmann resumiria essa questão dizendo: “A fé na ressurreição não é outra coisa do que a fé na cruz como evento salvífico, na cruz como cruz de Cristo.”<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Ibid., *Jesus Christus und die Mythologie*. op.cit., 185ss.

<sup>48</sup> Ibid., *Novo Testamento e Mitologia*. op. cit., 41.

<sup>49</sup> Ibid., 43.

Nós somente podemos crer no evento salvífico quando Cristo, o crucificado e ressurreto, nos é proclamado. A palavra da proclamação fala a nós como palavra de Deus e ao cremos no evento da morte e ressurreição de Cristo nos é dada a possibilidade de compreensão de nós mesmos. A fé na proclamação do evento de Cristo é a verdadeira fé pascoal, pois "a fé é a resposta à proclamação".<sup>50</sup> Bultmann concentra a cruz e a ressurreição no momento presente da proclamação. A palavra da proclamação, que é a palavra da reconciliação, vigora como acontecimento salvífico escatológico. "No soar da palavra, cruz e ressurreição se tornam presente, ocorre o agora escatológico."<sup>51</sup>

## POSICIONAMENTO

### A SUBJETIVIDADE DA FÉ

Em Bultmann, vemos a primazia da filosofia. Esta, de certa forma, determinou sua produção teológica. Inclusive ele procurou superar a estrutura hermenêutica tradicional não como teólogo, mas como filósofo da interpretação. O seu quadro conceptual hermenêutico foi desenvolvido em discussão com a filosofia e só então aplicou os resultados à interpretação bíblica.<sup>52</sup>

Bultmann incorporou Schleiermacher e Dilthey criticamente ao seu universo conceptual, inclusive buscou na assimilação destes a superação de ambos. Esta superação aconteceu a partir do momento em que assumiu a filosofia existencialista de Heidegger. A tradição histórica do passado deve ser traduzida para o presente, sem que a tradição, a palavra de Deus, sofra prejuízos na sua integridade. O instrumento de tradução da tradição bíblica estaria dado pela interpretação existencial. Nesse aspecto destacamos o mérito de Bultmann. Ele procurou o ponto de contato com o ser humano moderno como parceiro de diálogo da fé cristã. Há uma preocupação pastoral genuína, no sentido de que o ser humano secularizado compreenda a palavra de Deus.

Parece-nos que Bultmann está muito próximo ao método de correlação de Paul Tillich, pois este também coloca a filosofia no início

---

<sup>50</sup> Ibid., *Jesus Christus und die Mythologie*. op.cit., 160.

<sup>51</sup> Ibid., *Novo Testamento e Mitologia*. op. cit., 44.

<sup>52</sup> Ibid., *O Problema da Hermenêutica*. op. cit., 203-221.

da articulação teológica e procura o diálogo da fé com o ser humano autônomo e secularizado.<sup>53</sup> De outro lado, há uma diferença considerável para com o verticalismo hermenêutico que encontramos em Karl Barth.<sup>54</sup> Este coloca toda ênfase na revelação de Deus como totalmente distinto do ser humano, sem admitir nenhuma correlação.

Bultmann recuperou o caráter existencial da fé, pois o texto bíblico interpreta a existência do ser humano. Na nossa opinião, a ênfase na subjetividade deriva da sua opção filosófica pelo existencialismo. Segundo ele, o ser humano não pode crer e não pode ser teólogo sem ter experimentado um encontro existencial com o texto, a palavra de Deus, que o leva repetidamente à uma decisão existencial. O crente não é um observador distante e neutro, mas está inserido existencialmente no evento salvífico. Não basta acreditar nas afirmações doutrinárias. A vida espiritual deve se tornar concreta na obediência da fé e na prática do amor cristão.

## O ESTREITAMENTO ANTROPOLÓGICO

Bultmann limita a existência humana ao indivíduo. No testemunho bíblico encontramos a revelação em dimensões cósmicas que inicia na criação e se estende até a sua consumação. Todavia em Bultmann, toda a história da revelação se limita àquele momento em que o ser humano aceitou o presente da graça de Deus através da palavra da pregação. Portanto, não se trata da história salvífica como movimento linear, da criação até a consumação, mas a história salvífica é resumida num ponto qualquer no tempo.

Bultmann reduz a complexidade da existência à razão humana e à sua vontade. Mas o ser humano tem sentimentos, tem corpo e está inserido num mundo complexo e multifacetário.<sup>55</sup>

O ser humano moderno não é somente racional e autônomo, mas ao lado da consciência científica ele é vulnerável à magia, ao mito. Ciência e superstição estão interconectados na cosmovisão do homem moderno.

A interpretação existencialista não vê a dimensão sócio-política da opressão e da miséria. Uma grande parcela da humanidade do mundo moderno, especialmente na América Latina, na África e na Ásia está inserida na existência de pobreza e de fome.

<sup>53</sup> Paul Tillich. Introdução. In: Teologia Sistemática. 25-33.

<sup>54</sup> Rudolf Bultmann. O Problema da Hermenêutica. op. cit., 218-221.

<sup>55</sup> Heinz Zahnt. op. cit., 269s.

O ser humano é constituído não somente de historicidade, mas ele também tem uma história de fato. Nela o ser humano encontra espaço para criar, articular, experimentar a realidade da sua existência. Este estreitamento antropológico é fruto da primazia ontológica da possibilidade sobre a realidade em Heidegger.<sup>56</sup>

Ao aplicar os instrumentos da sua hermenêutica, Bultmann inicia com a antropologia e somente então dirige sua atenção ao acontecimento salvífico. A antropologia encontra-se formalmente no início do seu método, como também preenche o conteúdo da sua teologia.<sup>57</sup> Assim, corre-se o perigo de fazer do ser humano, com sua filosofia, sua racionalidade e sua auto-compreensão, a norma para a interpretação do Novo Testamento e para a compreensão da própria existência humana. O ser humano tornar-se-ia a medida de todas as coisas.

## A RAZÃO E A LIMITAÇÃO DA FILOSOFIA

A teologia em todas as épocas trabalhou com pressupostos filosóficos. Suspeitamos que não se pode evitar que a filosofia sirva de veículo para a reflexão teológica. Orígenes e Agostinho eram neoplatônicos. Lutero também encontrava-se na tradição neoplatônica, enquanto Calvino aprendeu da escola platônica antiga. Barth aprendeu de Kierkegaard, Tillich de Schelling, Brunner de Martin Buber, e Pannenberg de Hegel. Para a teologia é adequado operar com categorias e conceitos que derivem da filosofia. Inclusive uma das suas tarefas é definir conceitos e categorias com o auxílio da filosofia. A teologia de Paul Tillich é exemplo bem sucedido deste empreendimento. Bultmann teve o mérito de tentar atravessar o fosso da história, trazendo o evento de Cristo para o presente com o auxílio da filosofia.

A filosofia perde a sua legitimidade quando se torna normativa para a teologia. A filosofia não é mais serva, mas senhora da teologia. Ela não é mais pergunta à teologia, mas se torna resposta enquanto a teologia se cala.<sup>58</sup> Bultmann não somente incorporou o quadro conceptual de Heidegger ao seu método, mas também assumiu o conteúdo da filosofia existencialista. Isto levou à uma estreiteza antropológica, como também a um reducionismo teológico.

<sup>56</sup> Ibid., 268.

<sup>57</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 29-44.

<sup>58</sup> Horst G. Pöhlmann. De Fide. In: Abriß der Dogmatik. 105.

Perguntamos, porque a teologia ainda se presta para compreender a existência humana se “a filosofia já divisa a partir de si mesmo o que o Novo Testamento diz”.<sup>59</sup> A teologia poderia então privilegiar uma outra figura da história contemporânea, em lugar de Jesus, com o objetivo de compreender a existência humana.

## O EVENTO SALVÍFICO DE CRISTO DESPROVIDO DE HISTÓRIA

Bultmann coloca toda ênfase na existência, enquanto o aspecto histórico da revelação é desmerecido.

A revelação de Deus em Cristo como fato concreto na história não é de relevância para Bultmann. Percebemos que há descontinuidade entre o Cristo querigmático e o Jesus Histórico. O querigma e a história concreta não têm muito a ver um com o outro e, assim, a fé não precisa da história. Há um desinteresse pelo histórico. Para ele tudo se concentra no Cristo querigmático como evento escatológico presente. Este evento seria um fato salvífico sem conteúdo e Cristo seria reduzido a uma incógnita, como a constante da teologia.

A fé que é defendida com tanta paixão se torna um conceito vazio e abstrato, pois o sujeito e o objeto da fé, Jesus Cristo, foi eliminado. A fé no Cristo querigmático precisa ser mediada pelo Jesus histórico, pois não podemos crer em Cristo se nada sabemos do Jesus histórico. Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus, é o fundamento da fé. O querigma cristão prega aquilo que deriva da história concreta e é afirmado por testemunhas oculares. Jesus de Nazaré é o Cristo que viveu, sofreu, morreu em obediência a Deus e foi ressuscitado. Através da fé no Cristo vivo recebemos o perdão de Deus. Não somente é relevante que algo (Dass) tenha acontecido na história. Também é fundamental que a fé saiba como este algo tem acontecido (Was), quando, sob que condições, em que lugar. Bultmann reduz a salvação apenas a um ponto abstrato qualquer no tempo e no espaço.<sup>60</sup>

Parece-nos que ele substituiu o velho mito, pelo cientificismo, desenvolvendo uma religião racionalista.<sup>61</sup>

A concepção científica do século passado acreditava num sistema fechado de causa e efeito. A física moderna, porém, não opera tão

<sup>59</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 31.

<sup>60</sup> Horst G. Pöhlmann. De Christo. op. cit., 237.

<sup>61</sup> Rudolf Bultmann. Novo Testamento e Mitologia. op. cit., 16. Nota 16.

acriticamente com este sistema fechado de leis naturais, mas com probabilidades de maior ou menor grau.<sup>62</sup>

As ciências contam com a possibilidade do inexplicável, do imprevisível e do contraditório e estão conscientes de que somente apreendem uma parte dessa realidade. Inclusive o imensurável é uma dimensão possível da realidade.<sup>63</sup> Semelhantemente às ciências naturais, o historiador pode expressar suspeitas de que uma crônica não corresponde às suas experiências. A categoria impossível, tantas vezes afirmada por Bultmann, não pode nortear o princípio metodológico da pesquisa histórica. O pesquisador, para compreender seu objeto de pesquisa precisa apresentar, antecipadamente, uma disposição intelectual favorável ao objeto. O ceticismo como princípio metodológico, não terá acesso à compreensão do texto histórico, mas este permanecerá estranho e hermético.

Bultmann, faz da sua concepção de ciência e da crítica histórica um princípio de interpretação. O criticismo científico tem se colocado como uma grandeza absoluta e foi imposto à Escritura. A ciência tornou-se, em alguns casos, objeto de fé. Não podemos ignorar que o Método Histórico Crítico pode ser adequado à natureza histórica das Escrituras, pois Deus se encarnou para dentro da história humana. O Método Histórico Crítico é legítimo como instrumento para a compreensão das Escrituras na medida em que o método, como ciência, tem consciência dos seus limites. A ciência não pode tornar-se juíza da Escritura. O teólogo como "cientista" deve submeter-se a crítica da Escritura. Pois, esta deve ser o sujeito da crítica e o intérprete é objeto do seu julgamento.

A Escritura deixará de ser hermética à compreensão quando o intérprete assumir, antecipadamente, uma atitude de confiança e obediência ao Espírito da Escritura.

## CONCLUSÃO

A compreensão dos textos acontece quando houver uma relação dialógica do intérprete com a história. Bultmann denomina esta forma de interpretação, de compreensão participativa. A fé não deriva da

---

<sup>62</sup> Karl-Heinz Michel. Die Bibel im Spannungsfeld der Wissenschaften. In: Theologische Beiträge. 10. Jahrgang, n.5, 1979, 210.

<sup>63</sup> Horst G. Pöhlmann. De Fide. op. cit., 110ss.

observação de fatos históricos, mas no ouvir subjetivo do texto bíblico que leva o intérprete à decisão existencial e à obediência.

Encontramos, tendencialmente, em Bultmann uma proximidade com o evangelicalismo que também, em certa medida, prioriza a decisão existencial e enfatiza a compreensão subjetiva da Escritura. Em ambos é ressaltado o elemento efetivo da salvação que se articula na obediência da fé e na prática do amor cristão. A vida do crente aconteceria na existência do paradoxo da fé, que vive no indicativo e no imperativo da palavra de Deus.

O programa de desmitologização pretende traduzir o texto bíblico para o ser humano moderno, interpretando o seu universo conceptual mitológico existencialmente. Somente o evento salvífico de Cristo é importante para a fé, enquanto o fato histórico permanece irrelevante. Cristo, em Bultmann não tem história. Este somente é real na proclamação, pois do Jesus histórico pouco podemos saber.

A hermenêutica de Bultmann é inadequada quando estreita a compreensão do ser humano e reduz a teologia a um universo conceptual filosófico sem fundamentação histórica. A redução à interpretação existencialistas se constitui em um novo escândalo e obstáculo para a compreensão do Evangelho. É fundamental para a teologia confessar que a morte de Cristo é o sacrifício expiatório, através do qual Deus é o reconciliado e o reconciliador.<sup>64</sup>

Apesar dos questionamentos e críticas à hermenêutica de Bultmann, ela representa um desafio. A teologia na América Latina não pode se acomodar diante da autocompreensão do ser humano que convive com as conquistas da ciência e com o universo mitológico. A teologia que está preocupada com a proclamação, precisa ouvir o ser humano na sua situação concreta, na sua autocompreensão e na sua existência sofrida de miséria. Assim, haverá um real interesse missionário, que é um aspecto inerente à própria teologia.

---

<sup>64</sup> Ibid., De Christo. op. cit., p.242ss